Pela Historia do Ceará (*)

EUSEBIO DE SOUSA

— I —

KOSTER NO CEARA'

O Ceará, na resenha bibliographica dos estrangeiros que têm visitado o Brasil, palmilhado como tem sido por esses viajantes, não fica em plano inferior. No concernente ás impressões de viagem, escriptas por elles, ha muita cousa por ahi esparsa, digna de registo, e que convem seja conhecida. Um testemunho insuspeito que servirá de guia aos que se dedicam ao estudo de nossa historia.

O sr. Barão de Studart já fez uma tentativa, nesse particular. Conseguiu, em demorado trabalho — *Estrangeiros e Ceará,* — com a paciencia benedictina que todos lhe reconhecem, com a autoridade de mestre que todos acatamos, registar a visita que ao torrão cearense fizeram estrangeiros de destaque, embóra, na sua affirmativa, alguns delles houvessem silenciado as suas observações.

(*) — O presente capitulo reune algumas chronicas domingueiras sobre coisas da historia do Ceará, escriptas, *currente calamo*, para a *Gazeta de Noticias* (Fortaleza) — N. A.

Nessa relação, em primeiro logar, enumera o sr. Barão de Studart a visita de Henry Koster. Um viajante, filho de paes inglêses, nascido em Portugal e que esteve em Fortaleza pelos fins do anno de 1810 e começos de 1811.

Delle Camara Cascudo (*Historias que o tempo leva...*) escreveu:

> "Commerciante illustrado, servia-se dos seus trabalhos para ter um contacto mais directo com o povo, apanhando flagrantes da vida e costumes, materiaes para o seu *Travels in Brasil* (Londres 1816). Dedicou o seu livro a Robert Southey, o poeta laureado e o investigador da historia do Brasil.
>
> De todas as narrativas, descripções e impressões de viagem, nenhuma mais interessante, informativa e util que as paginas deste Inglês Brasileiro. Sciencia, agricultura, industria, commercio, paysagens, typos, costumes, tudo é espelhado fielmente no seu livro.
>
> Desta fórma revê-se o passado sem arrebiques; e esse oiro de pechisbeque que os altos biographistas explanam em suas remembranças".

* * *

Koster, portador de uma tuberculose incipiente, "tanto se encantou do nosso clima e tanto o julgou proveitoso ás melhoras de sua saúde que resolveu fixar definitivamente no Brasil", vindo a fallecer em principios de 1820, diz o sr. Oliveira Lima.

A sua viagem ao Ceará, naquelle anno, fel-a por terra. Teve como ponto de partida Recife. Rumou á Parahyba. Embrenhou-se pelo Rio Grande do Norte. Percorreu villas e povoados da terra potyguar, a esse tempo governada pelo sargento-mór

José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

Não demorou estar em contacto, com a terra cearense, em cujos limites com a vizinha capitania, se desavem com um agente da autoridade publica por exigencias do passaporte.

O caso, narrado pelo proprio Koster, é bastante typico. Elle é quem fala.

—*Não me convinha humilhar-me em presença de um individuo que se mostrava desejoso de fazer-me sentir a preponderancia que suppunha ligada ao seu cargo.*

A sua maior zanga fôra motivada por ter o preposto da autoridade, que era um sargento, quando á sua frente, não se ter apresentado uniformizado, trajando, como os outros, camisa e ceroulas.

E' interessante o cavaco do attento inglês:

—*Si eu tivesse sido convidado, de maneira attenciosa, a ir á casa do commandante, ou si o sargento se houvesse apresentado fardado, nada se teria dado.*

E mais curioso ainda é Koster reconhecer que *o rio, á beira do qual ficava a povoação* (Mossoró), *separa as capitanias do Rio Grande do Norte e do Ceará,* conseguintemente muitas razões havia para o commandante exigir-lhe o sobredito passaporte.

—*Mas*—adeanta com vivo orgulho—*era preciso sustentar a alta opinião que se fazia do nome inglês por toda a parte em que os homens possuiam bastante intelligencia para comprehender que os inglêses não são bichos. E ademais* — arrematou com arrogancia — *ao mesmo tempo precisava manter a importancia que eu tinha perante os que me acompanhavam.*

Por um triz, não degenerou o caso em arruaça. Koster e os de sua comitiva chegaram até a preparar as armas, receiando qualquer investida da autoridade mossóroense.

* * *

Eil-o no Aracaty, que, ao seu tempo, não tinha mais que 600 habitantes. Vence o Aquiraz, para alcançar, em seguida, o final de sua penosa mas instructiva jornada — Fortaleza, onde foi acolhido de modo mais lisongeiro "por ser o nome de inglês uma excellente recommendação para o seu povo".

A cidade de Fortaleza, escreveu—

> "é edificada em chão de areias e formando quadro, tendo quatro ruas que partem de uma praça e mais outra rua extensa, que se alonga pararella ao lado septentrional da praça. As casas constam somente de andar terreo. Calçamento não ha e apenas calçadas de tijolos na frente de algumas casas. Contem a cidade três igrejas, o Palacio do Governo, a casa da Camara, a Cadeia, a Alfandega e a Thesouraria. O numero de habitantes, tanto quanto posso julgar, é de mil a mil duzentos. A fortaleza de que a cidade tira o duplo nome está levantada sobre um monte de areia, perto da cidade e consiste numa muralha da banda do mar e um forte palanque do lado da terra".

O inglês, fino observador, vae annotando as suas impressões.

—*De ordinario* — affirma — *passava eu as manhãs em casa, mas de tarde dava passeios a cavallo em companhia de três ou quatro môços mais instruidos que encontrei, cousa que não esperava. A' noite via o sr. Marcos* (Marcos Antonio Bricio, Inspector do Thezouro) *em casa de quem se reunia numerosa sociedade. Havia tambem reuniões em palacio e depois do chá ou do café, o tempo corria depressa.*

Henry Koster é minudente em suas observações. No seu livro *Travels in Brasil* dedica varias paginas ao Ceará.

Nada escapou á sua argucia. Chegou até a reparar ser o Palacio do Governo a unica habitação da cidade assoalhada.

Uma coisa que muito o sensibilisou, foi quando, participando do banquete de trinta talheres, realizado, em Palacio, por motivo do anniversario da Rainha de Portugal, haver o governador Barba Alardo o collocado á mesa á sua direita. Isto na qualidade de estrangeiro e como prova da alta estima em que tinha os inglêses, diz elle.

E foi esse o estrangeiro illustre que esteve no Ceará nos fins de 1810 e começo de 1811, de quem Camara Cascudo (op. cit) diz melhor seria para a historia, para a contribuição do folk-lore, os habitos, costumes, alma e natureza do norte do Brasil, o seu perfeito conhecimento.

— II —

A PRIMEIRA CIDADE LIVRE DO IMPERIO

Adilia de Albuquerque Moraes, espirito fulgurante, possuidor de invulgar talento, em bello artigo para a imprensa da terra, rememorou, ha tempos, uma phase brilhantissima da historia da redempção de seu berço natal, a gloriosa Icó, primeira cidade livre do Imperio. (*)

Com esse acontecimento — escreveu a apreciada escriptora — o Icó viveu horas inesqueciveis, traçou paginas immorredoiras para a Historia, onde, desde a Independencia, fulguravam provas de seu alto civismo.

(*)—A cidade de Baturité alforriou os seus escravos na mesma data da de Icó — 25 de março de 1883.

Cabe, entretanto, a essa ultima a primazia do magno acontecimento por ser mais antiga que a outra na ordem de elevação.

Icó, foi elevada em cidade em 1842 (Lei provincial n. 244, de 25 de outubro); Baturité, teve essa elevação, dezeseis annos depois, isto é, em 1858 (Lei provincial n. 844, de 9 de agosto) — N. A.

Com que orgulho — pelos laços de affinidade que me ligam ao povo dessa nobre terra — relembro agora a commemoração da aurea data — 25 de março de 1883!

Em toda a parte — fala um contemporaneo — via-se o prazer; na menor coisa descobria-se um intenso jubilo que inundava todas as almas.

E' inenarrável a magnitude do solennissimo acto. E' impossivel descrever a alegria, "os gritos de enthusiasmo daquelle grande povo, em extase de adoração da gloria".

As ruas da cidade, nesse dia, amanheceram festivas. Um aspecto desusado notava-se em todos os seus recantos.

Ao romper da aurora a população foi despertada com o estrugir de 21 tiros, ouvindo-se, em seguida, os accordes do hymno da "Libertadora".

Pouco tempo depois teve inicio solenne *Te Deum*, "em acção de graças pelo faustoso acontecimento, que marcava nova éra de prosperidades á heroica cidade do Icó, abrindo-lhe a larga senda de um futuro esplendente, cimentado pela liberdade e animado pelas esperanças da igualdade civica".

A tribuna sagrada foi occupada pelo respectivo vigario, padre Manoel Francisco da Frota, "apostolo da causa augusta da redempção", cujo verbo eloquente, sahido dos labios do joven sacerdote de então, poz em relêvo o valor do elevadissimo feito de seus parochianos, redimindo, de uma vez para sempre, a geração inteira de todos os escravos do municipio.

O edificio do Paço Municipal, todo festivo e juncado de palmas e flôres, deu ensejo para que se tornasse publica e definitiva a ambição popular, proclamando, aos quatro ventos, a cidade, municipio dos redimidos, a primeira livre do Imperio.

A festa da liberdade icóense teve nessa hora o seu cunho official.

O salão nobre da Camara apresentava um as-

pecto encantador, deslumbrante. Ornado a capricho, destacava-se alto trophéo com a effigie de S. M. o Imperador Pedro II, e, ao lado, o busto do immortal Visconde do Rio Branco, "cercados ambos da bandeira nacional e do estandarte da "Libertadora Icóense" e descançando sobre um pedestal todo coberto de flôres".

Repleto das principaes familias da terra, via-se ao centro toda a sua vereação com o seu presidente á frente, cidadão José R. Borges. Em lugares distinctos formavam os elementos feminino e masculino dos libertadores icóenses, cada qual presidido pelas figuras varonis de seus maiores — d. Joaquina Rabello e pharmaceutico João Jacintho de Sampaio.

Foi nesse instante solennissimo que o presidente da edilidade, "em concisas e fortes expressões de civismo e de nobreza", em voz alta e intelligivel, de modo a não poder deixar a menor duvida, declarou:

—*O municipio do Icó, desde este momento, não tem mais captivos!*

Varios oradores foram ouvidos, realçando, no momento, o bello discurso proferido pelo dr. Oliveira Sobrinho

> —"que na elevação de phrases brilhanlhantes e de imagens inspiradas, a par da linguagem ardente e bellissima, arrebatou o immenso auditorio nos vôos altivos de sua palavra".

Frederico Borges, um paladino da causa da liberdade, presente ao acto, com a palavra,

> —"inspirando-se no espectaculo esplendente, que tinha deante dos olhos — o municipio associado ás sociedades libertadoras, e cercado das adhesões da soberania popular — saudou com todo o frenesi do sentimento da fraternidade da grande

> associação, que ali representava — "a Cearense Libertadora" — a invejavel felicidade do benemerito municipio do Icó, e a sua gloriosa ascenção pelas conquistas legitimas da liberdade, que lhe franqueavam um porvir risonho e venturoso pelas bençãos da posteridade".

O orador fechou o seu arrebatador discurso, affirmando,

> —"que emquanto naquelle dia memoravel a Christandade celebrava o facto divino da resurreição de seu redemptor, o insigne municipio do Icó pelo seu heroismo admiravel e inexcedivel patriotismo resurgia entre as paginas resplandescentes da historia, firmava sua immortalidade na gratitidão das gerações futuras"!

Não ficou nisso.

A' noite do dia da esplendorosa sessão percorreu as ruas da cidade grande *marche aux flambeaux*, espectaculo extranho para os tempos, jamais visto no Icó.

> —"Precedia ao immenso sequito numeroso grupo de meninas, vestidas de branco, com laços de fitas a tiracollo e inscripções allegoricas, empunhando todas lanternas de variadas côres.
>
> Logo após marchavam distinctas senhoras, casadas e solteiras, da mais fina sociedade icóense, tambem trajando as côres alvas da paz e da candura, conduzindo por sua vez lanternas de varias côres.
>
> Um concurso admiravel de cavalheiros, todos rigorosamente vestidos de branco, fechava em extensos pelotões a enorme procissão.

Era de um effeito maravilhoso o desfilar dessa multidão imponente, que ao som da musica atravessava as ruas illuminadas da cidade.

A'quellas horas da noite, brilhando entre as cambiantes de tantas luzes, o antigo e legendario Icó parecia um mundo encantador, ou uma cidade bellamente fantastica.

Viam-se nas ruas lindos paineis.

Em frente da casa do capitão Fructuoso Dias, via-se um quadro em que se liam estas palavras: **AVE LIBERTAS!**

Adeante, em casa do sr. Joaquim Astholpho Pinto Bandeira, destacava-se um outro painel com quatro anjos, que engrinaldavam o nome — ICO'; um delles calcava uma serpente — a escravidão; outro suspendia uma bandeira, emblema da liberdade; os outros dois tinham entre mãos partidas as cadeias do captiveiro!"

E muitas outras manifestações de regosijo popular foram levadas a effeito, nesse dia.

Ha um episodio muito commovente nessa solennidade que não póde ser esquecido.

Quando estava para terminar a sessão da camara, appareceu, na ante-sala do recinto, uma pobre viuva do municipio parahybano de Sousa, acompanhada de dois escravos.

Não era possivel que junto áquelle congresso alguem se dissesse captivo.

Immediatamente, a commissão libertadora offereceu a quantia de cem mil réis, pela qual foram conferidos os titulos de liberdade aos dois infelizes captivos, que tiveram a ventura de ver a glorificação do Icó, libertando todos os seus escravos.

Já anteriormente, o coronel José Pinto Coelho de Albuquerque, ardoroso propagandista da grandiosa idéa, que em sua terra se converteu em realidade naquella magna data — 25 de março de 1883 — dias antes do registo desse facto, apresentando uma carta de liberdade de uma escrava de sua sogra, leu outra de um escravinho seu, proferindo então estas expressivas palavras:

—*O meu escravo* JUVENCIO *é tão livre como eu!*

Uma chuva de palmas foi a resposta eloquente que teve o convencido abolicionista.

* * *

A historia está a dever-lhe uma das paginas tada "princeza dos sertões cearenses" daquelles inesqueciveis tempos, delirou nesse dia em que proclamou o seu territorio completamente livre de escravos.

A historia está a dever-lhe um adas paginas mais brilhantes da abolição no Ceará.

Só o facto de haver sido a PRIMEIRA CIDADE LIVRE DO IMPERIO, em sua essencia "tão grande, tão nobre e tão admiravel", valerá por um padrão de glorias!

— III —

PELA GLORIA DE TRISTÃO GONÇALVES

Em 1924, a 31 de outubro, por occasião do primeiro centenario da Confederação do Equador, no Ceará, a população do escuso povoado de Santa Rosa, pertencente então ao extincto municipio de Laranjeiras, exultou. E' que ali, a memoravel data, não foi esquecida, relembrando-se, com grande enthusiasmo, a collaboração do Ceará no movimento republicano de 1824, que teve como ponto de parti-

da a capital pernambucana e se irradiou pelas suas vizinhas do norte.

O presidente da Confederação do Equador, no Ceará, Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, teve a sua consagração nesse dia. A homenagem que lhe foi tributada pelo Instituto do Ceará, revestiu-se da maxima solennidade, sendo erigido, no local onde tombara para sempre o denodado patriota cearense, modesto mas expressivo monumento — uma columna de alvenaria de cêrca de 3 metros de altura, tendo em uma de suas faces lateraes, a seguinte inscripção, em placa de bronze:

> "Neste local succumbiu Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, o heroico Presidente da Confederação do Equador, no Ceará — 31 de outubro de 1824 — Homenagem do Instituto do Ceará — 31-X-1924".

Para mim, a significativa homenagem encheu-se do mais vivo orgulho, vendo, afinal, compensado o resultado de ingentes sacrificios feitos para chegar ao seu termo, como delegado que era do Instituto do Ceará e da suprema autoridade do Estado, cabendo-me, por isso mesmo, a honra de presidil-a.

Ainda hoje trago na lembrança as sumptuosas festas realizadas em Santa Rosa e não posso ser esquecido ao valiosissimo e efficaz concurso que me prestaram, a esse tempo, dois valorosos cavalheiros: o coronel Benigno Bezerra e padre Assis Monteiro, aos quaes, com justiça, se devê o maximo realce de referidas festas, ambos de real prestigio no povoado e suas adjacencias, sendo ainda de justiça proclamar terem sido elles os esforçados executores do patriotico programma então esboçado e religiosamente cumprido.

* * *

Tenho acompanhado de perto a acção beneme-

rita do actual dirigente dos negocios municipaes de Fortaleza — sr. Alvaro Weyne.

No estreito limite de uma ligeira chronica, para jornal, será difficil fazer um relato do que ha produzido, em pouco mais de um anno, esse honrado cidadão, como prefeito municipal, quando já se vae sentindo, nesse diminuto espaço de tempo, os profícuos effeitos de sua operosa administração.

O sr. Alvaro Weyne, foi, não se póde negar, talhado para a investidura do cargo que ora exerce.

Na sessão de ante-hontem do Instituto do Ceará tive a opportunidade de alvitrar uma suggestão que, encontrando acolhida por parte do sr. prefeito municipal, e uma vez tornada a mesma em realidade, attrahirá para a sua pessôa a gratidão de seus conterraneos, não olvidando a gloria de nossos maiores, rendendo-se-lhes o preito de homenagem a que têm direito.

Remodela-se, actualmente, a praça Commendador Antonio Theodorico, ou da *Lagoinha,* como é mais conhecida, pretendendo o sr. Alvaro Weyne aformoseal-a, transformando-a em aprasivel logradouro publico, como já succedeu com a antiga praça do Carmo.

Suggeri ao Instituto do Ceará, "guarda cioso das tradições patrias", dirigir-se ao prefeito municipal encarecendo o grande alcance historico da erecção, num dos angulos do futuroso jardim publico, de modesto monumento em memoria de Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, á semelhança do que fez o povoado de Santa Rosa, no local onde caira varado por uma bala adversaria o grande cearense, epilogando-se assim o movimento republicano de 1824, no Ceará.

Justifiquei o meu requerimento do seguinte modo:

> "Não é extranho ao Instituto do Ceará o modo por que vem se conduzindo nos destinos prefeituraes do municipio de For-

taleza, o sr. Alvaro Weyne, procurando, no mais justo e louvavel dos propositos, dotar a nossa capital com utilissimos melhoramentos, alguns já postos em evidencia.

Varias ruas já foram calçadas, novas arterias na zona suburbana têm sido rasgadas, algumas praças têm sido embellezadas, para exemplo a antiga do Carmo, que constitue, hoje, um dos nossos mais aprasiveis logradouros.

Agora mesmo o operoso governador da cidade trabalha no aformoseamento da antiga praça da *Lagôinha*, procurando transformal-a em um jardim publico.

Será uma medida de alto alcance patriotico, si ao centro dessa futurosa praça encravada, como se acha, no coração da cidade, fosse erigido um modesto monumento que pudesse perpetuar a memoria de Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, o grande heróe cearense que presidiu a Republica, no Ceará, em 1824, guiando-se pelos moldes da que fôra proclamada, dias antes, no Recife, e presidida por Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

Em Santa Rosa, onde, a 31 de oututubro do predito anno, tombou para sempre o heróe, graças ao "Instituto do Ceará", já existe um expressivo monumento, nada mais do que singela columna de alvenaria de cêrca de três metros de altura, tendo em uma de suas faces lateraes significativa lápide com inscripção, comprovando o glorioso feito.

Desnecessario se torna enaltecer o valor historico desse preito de homenagem que seria tributado ao denodado cearense, quando é bem conhecida a sua extraordinaria actuação no glorioso movimento re-

publicano de 1824. Fortaleza, com o monumento indicado, daria uma prova aos porvindouros de seu muito amôr ás nossas tradições, memorando a gloria de nossos maiores.

Requeiro, pois, que o Instituto se dirija ao sr. Prefeito Municipal alvitrando a minha suggestão, ao mesmo tempo fazendo-lhe um appello para que a idéa se torne uma realidade".

O meu alvitre foi acceito pelo "Instituto do Ceará", e o assumpto passará, em breve, ser objecto de deliberação do sr. Alvaro Weyne.

Queiram os fados que s. s., espirito esclarecido e vontadoso que é, possa comprehender o valor dessa homenagem de modo a se tornar o justo anseio do "Instituto do Ceará" em um facto.

Alguem escreveu "que o culto do passado não deve limitar-se á commemoração, como nós costumamos fazer, das grandes datas nacionaes, a discursos de sessões magnas, ao hasteamento da bandeira nas repartições publicas e ao ocio dos feriados nacionaes".

Commemoremol-o por outros modos menos platonicos, assignalando-se, na praça publica, os feitos gloriosos de nossos antepassados.

O levantamento de um simples obelisco, na praça Commendador Antonio Theodorico, em homenagem ao valor do grande cearense Tristão Gonçalves d'Alencar Araripe, não custará rios de dinheiro.

Para effectival-o basta a vontade ferrea do sr. Alvaro Weyne.

— IV —

O PRIMEIRO JORNAL QUE TEVE O CEARA'

Foi o DIARIO DO GOVERNO DO CEARA' o primeiro jornal publicado na então provincia. Ne-

nhuma prova em contrario foi adduzida até hoje. E até hoje não se conhece um só impresso que venha de encontro ao que está escripto sobre o estabelecimento definitivo da arte typographica no Ceará.

Certo é que, anterior ao apparecimento do DIARIO DO GOVERNO, se cogitou da installação dessa imprensa, mas a idéa ficou unicamente na vontade de quem a alimentou.

Desse assumpto tratou-o Frei Alexandre da Purificação em Memoria apresentada ao Conselho da Provincia em sessão de 4 de março de 1823, chegando até o governo "a acceitar o offerecimento de Francisco José Pacheco de Medeiros para servir gratuitamente de administrador e impressor de *uma imprensa livre sem ser dispendiosa á Nação*, e o emprestimo de typos, que Joaquim Martins Ribeiro se propunha a fazer".

A materia aliás já foi explanada, sufficientemente, pelo sr. Barão de Studart.

Alguem lembrou-se de negar a "prioridade do Diario" no jornalismo cearense, chegando a essa conclusão por inferencia de documentos do tempo do governador Manoel Ignacio de Sampaio.

Nada ha de verdadeiro em tal opinião — accrescenta o douto historiographo — sinão que realmente houve uma gazeta no tempo daquelle notavel homem de governo, mas essa não era impressa, redigia-o o proprio Sampaio, que a fazia circular.

Jornaes manuscriptos sempre existiram. E não foram elles poucos, "com larga edição e circulação".

Para corroboração do asserto, ainda o sr. Barão de Studart, em seu opusculo — PARA A HISTORIA DO JORNALISMO CEARENSE (1824-1924) transcreve o seguinte trecho de uma carta que a 16 de setembro de 1823 Manoel do Nascimento Castro e Silva endereçava de Fortaleza a José Martiniano de Alencar, então no Rio de Janeiro:

"Aqui não correm folhas e bem vê a ne-

> cessidade dellas para hum homem ajuisar o estado das cousas, e por tanto aquellas folhas que vir são uteis remeta-me para eu as ler e dar a ler aos amigos".

E, como ultima verba sobre a controversia suscitada, arremata o citado escriptor: "ninguem disse ainda o titulo do jornal que precedeu ao DIARIO nem a officina typographica, onde era impresso, o nome do redactor ou redactores, a data de seu numero inicial, não appareceu alguem para dar noticia de um exemplar que haja escapado á voragem do tempo ou a que se tenha feito por acaso alguma referencia em documento ou chronica dos dias coloniaes".

Qualquer presumpção, pois, nesse sentido, não procede. E não procede ainda por que a duvida foi gerada, sem base. Nasceu de quem não tinha convicção do argumento expendido, que desapparece em face do silencio dos documentos coévos, do que affirmam os nossos chronistas.

* * *

De Pernambuco é que nos veio o material typographico necessario á fundação da imprensa do Ceará. Mandou-nos Manoel de Carvalho Paes de Andrade, "o presidente da ephemera e infeliz Republica do Equador", sendo delle portador a escuna de guerra MARIA ZEFERINA.

E' assás curioso o extracto da sessão do estabelecimento da primeira typographia cearense (29 de março de 1824).

> "Accordão, que o Governo faria a creação dos Officiaes, que deveriam compor o trabalho da Typographia Nacional, e os Ordenados, que deveriam vencer, em quanto do rendimento della não podessem ser pagos... "

Francisco José de Salles, mais tarde com o appellido revolucionario de JURUBEBA, foi o seu impressor. Posteriormente, preso, "pagou com sacrificios e attribulações o amor ás idéas que professava".

Para "coadjuvar" Salles "e instruir a mocidade", foram mandados de Recife, em sua companhia, dois compositores — Felippe José Fernandes Lana e Urbano José de Espirito Santo, o JEREPEMONGA, da revolução de 24.

JURUBEBA e JEREPEMONGA foram, portanto, os pioneiros da arte typographica no Ceará,

> "com o ordenado cada hum de cento e sessenta réis por dia, nos primeiros tres mezes, e dahi em diante, se lhe augmentaria o ordenado a proporção de seu adiantamento".

Havia mais dois serventes com a diaria de 200 réis por dia

> "... e finalmente haveria hum redactor do DIARIO DO GOVERNO, que seria o P. Gonçalo Ignacio de Albuquerque Mororó, pessôa de instrucção, e conhecimentos, que venceria o ordenado de quatrocentos mil reis."

Mororó, accusado de ser "o autor das famosas folhas do Ceará", assim articulava um dos itens do libello accusatorio que o levou á fôrca, pagou bem caro a sua temeridade em publicar um jornal que se rotulava de orgam dos republicanos, advogando, portanto, idéas politicas contrarias ao regimen então dominante.

O negociante João Bezerra de Albuquerque foi o encarregado da venda do jornal "e mais trabalhos que sahissem da typographia".

Reza o documento official da época:

> "... nomeando o mesmo Governo a João Bezerra de Albuquerque, negociante desta Praça para vender em sua loge com o lucro de oito por cento: e outro sim, que as folhas que não occuparem meia folha de papel por hum, e outro lado se vendão a vinte réis, e as que passarem a outra pagina, se vendão a quarenta réis, porem se for folheto, o Imprensario como Administrador da Typographia regulará o preço por que se deva vender."

Havia para a factura do jornal instrucções bem interessantes. Eram deste jaez:

> "O Redactor inserirá suas folhas, composições, e escriptos, as memorias, lembranças e queixas, que qualquer individuo lhe requerer,e da mesma forma o Imprensario as imprimirá, quando lhe requerem, contanto que paguem a taxa estabelecida, e apresentam assignadas, e reconhecidas."

Donde se conclue que aos primeiros vagidos da imprensa cearense já cogitava o seu editor, que era o proprio governo, das responsabilidades da materia inserida, ou melhor dos delictos dessa mesma imprensa.

E mais este pedacinho:

> "O Redactor, Imprensario, e Gazeteiros serão pagos a quarteis, os ajudantes Compositores mensalmente, os serventes como pessoas pobres semanariamente pela folha que o Imprensario assignará para o Almoxarifado."

Seguem-se as obrigações:

> "O Gazeteiro recolherá á Fazenda Publica o resultado da venda das Folhas mensalmente a contar do dia de hoje vinte e nove do corrente (março de 1824). O DIARIO DO GOVERNO terá principio no dia 1º de Abril seguinte, e o Redactor será obrigado á dar o DIARIO duas vezes por semana, nos dias de Quartas e Sabbados. O Imprensario exigirá do Gazeteiro um titulo dos papeis, que recebeu, e porque preço os deve vender transmittindo o titulo ao Governo para enviar a Junta da Fazenda para no fim de tres mezes ajustar contas, do quevendeo e recolheo."

Foram estes os primordios do primeiro jornal que teve o Ceará, cuja publicação cessou com a queda do governo de que era orgam.

O DIARIO DO GOVERNO DO CEARA' mesmo assim, logrou publicar dezeste numeros, pelo menos os que são conhecidos, e, por ultimo, arrastou ao patibulo o seu mairo responsavel — o Padre Gonçalo Ignacio de Loiola de Albuquerque e Mello Mororó, aquelle que perdendo, em face de documentos da época, as qualidades de precursor da Confederação do Equador, no Ceará, fez jús, entretanto, á admiração dos pósteros, por ter sabido elevar dignamente o nome cearense, supportando, com coragem e resignação não communs, os erros de seus julgadores contemporaneos.

— V —

A BANDEIRA DA "LIBERTADORA ICóENSE"

Poucos dias faz, em sessão do Instituto do Ceará, justificando um requerimento, bati-me pela observancia de um dispositivo estatucional desse velho

sodalicio sobre a acquisição de documentos e objectos historicos porventura existentes no Estado, evitando-se, dest'arte, a sua dispersão ou que fossem pairar ás mãos de collecionadores particulares na ansia de augmentarem o acêrvo de suas raridades, antevendo, de futuro, como é de suppor, rendoso negocio.

Não temos um museu official. O Instituto do Ceará, que sempre viveu de "arribada", sómente agora com um pouso temporario, graças á patrioca solicitude de seu GRANDE BENEMERITO Barão de Studart, com o emprestimo que fez do salão principal de seu confortavel palacete para as reuniões do mesmo, recebendo, portanto, favores, ainda hoje guarda o seu opulento archivo em inapropriado recanto da Inspectoria de obras contra as sêccas.

O unico museu que possúe o Estado, devido a tenacidade e vontade ferrea de um cearense digno, — o sr. professor Dias da Rocha — já não é mais aquelle repositorio de nossas antiqualhas de seus primeiros annos, achando-se, presentemente, fragmentado com a dotação que o seu esforçado director e proprietario fez a varios gabinetes scientificos de institutos de ensino da terra.

Quer isto dizer que hoje, como hontem, nesse particular, permanecemos num condemnavel indifferentismo, sentindo-se a falta de um estabelecimento official que se destine á guarda de nossa documentação historica, como diria alguem, "dos documentos que ainda existem nos fundos dos bahús ou nos cantos escusos dos cartorios, á mercê das traças".

E' de lastimar perdurar ainda, no Ceará, esse estado de coisas, quando varios nucleos da Federação possuem estabelecimentos congeneres que sobremodo os honram, demonstrando o desenvolvimento cultural de seu povo, na conservação de seu patrimonio artistico e de tanta joia historica que os ele-

va e dignifica, e que em qualquer tempo podem ser vistos pelo visitante culto, admirador de antiguidades.

* * *

Estas considerações vêm de molde, ao experimentar, ha dias, indizivel contentamento, contemplando uma reliquia historica que a esta hora está a desafiar a sua permanencia em lugar apropriado, onde pudesse ser melhormente apreciada e até venerada pelo seu valor real, como documento de uma phase brilhantissima da historia do Ceará — a manumissão dos escravos.

Quero alludir á gloriosa bandeira da "Libertado Icóense", desfraldada na heroica cidade do Icó, no memoravel dia de sua redempção — 25 de março de 1883.

O bellissimo trabalho que tive sob os olhos, ainda na tarde de hontem, minutos antes de tracejar estas linhas, ricamente bordado com tanta pericia e arte pelos punhos delicados das senhoras icóenses — é de pasmar! — conserva o impeccavel feitio de ha quasi meio seculo, não conseguindo a acção do tempo, de nenhum modo, destruil-o, isto talvez pelo cuidado e orgulho com que é guardado esse thesouro, confiado a mãos amigas, rebento de um dos mais ardorosos abolicionistas dos tempos e que papel saliente desempenhou na emancipação dos escravos de seu berço nativo — o sr. pharmaceutico João Jacyntho de Sampaio.

Num mixto de alegria e de tristeza rememoro, hoje, esse acontecimento; alegria, por se me offerecer o ensejo de poder testemunhar, em publico, a existencia do documento mais legitimo da brilhante solennidade que foi a libertação do elemento servil do Icó; tristeza, por vel-o esquecido dos contemporaneos que não conhecem a grandiosidade desse incommensuravel feito abolicionista, uma das paginas mais rutilantes de nossa historia, quando o seu lu-

gar deveria ser outro, nos escaninhos de um museu do Estado, evitando que mãos cubiçosas, como de ordinario succede, delle se apoderem para fins de provento exclusivamente proprio.

Felizmente — estou autorizado a declarar — a bandeira da "Libertadora Icóense" não sairá do poder de quem a possúe, sinão para um departamento publico do Estado que, do mesmo modo por que é actualmente conservado, o possa zelar e expol-o ás vistas do povo.

Isto, porém, no meu modo de entender, só succederá quando o Instituto do Ceará, "guarda avançada das nossas tradições", possa um dia reorganizar o seu archivo, reservando então uma dependencia em que se conserve o pouco que nos resta do passado, protegendo a nossa documentação historica de uma possivel destruição.

Não terá, pois, outro destino improprio o expressivo documento, reaffirmo, com segurança de causa.

Tal designio, que a muitos parecerá nascido de um vivo egoismo, e se o fosse jamais deveria ser censurado, antes applaudido, dá mostras da grande dóse de sentimento patriotico que se entranhou no coração das distinctas patricias, zelosas depositarias de tamanha reliquia, na justificativa de que em suas veias correm o mesmo sangue libertador que tanto fez enaltecer o berço natal — a tradicional cidade do Icó — e ainda sobresahir o elemento feminino personificado nos vultos varonis de suas inesqueciveis conterraneas d.d. Joaquina Rabello, Maria Pinto Moreira, Joanna Osorio Sampaio, Ignacia de Mattos Dias, Josepha Osorio de Albuquerque e Maria Thereza Bandeira, para só citar, de relance, os nomes das que faziam parte da directoria da "Sociedade Libertadora das Senhoras Icóenses".